

## FOUCAULT E A GEOGRAFIA \*

Antonio Carlos Robert Moraes

A proximidade entre as teorizações de Michel Foucault e os problemas teóricos vivenciados pelo movimento de renovação da Geografia é, realmente, bastante significativa (1). Tal proximidade se manifesta por diferentes pontos de contato, permitindo distintas abordagens. O estudo aqui apresentado é, por isso, bem introdutório (exploratório seria um adjetivo adequado). Não busca inventariar, de forma exaustiva, os autores que na geografia discutiram as idéias foucaullianas. Também não visa apontar todas as possibilidades para a discussão geográfica abertas por tais idéias. Nem mesmo levantar todas as passagens da vasta obra deste pensador que, de um modo ou de outro, interessariam ao universo desta disciplina. O objetivo é apenas o de ressaltar esta proximidade e de delinear algumas abordagens possíveis da relação entre as formulações de Michel Foucault e as preocupações dos geógrafos críticos.

No plano de uma "arqueologia do saber", as indagações foucaullianas cruzam com as dos autores empenhados em realizar uma crítica epistemológica do pensamento geográfico tradicional. A crise do positivismo clássico nessa disciplina - crise tardia em relação a outros campos das ciências, dada a dominância quase integral de tal método na Geografia - ensejou uma dissecação do discurso geográfico numa ótica de crítica social. Em particular as obras daqueles autores que deram embasamento à chamada Geografia Moderna e dentro dessa à Geografia Humana, sofreram análises profundas (2). Na maior parte dos casos, os comentaristas visaram estabelecer relações entre o discurso geográfico e a prática social. Buscou-se compreender o porquê de uma determinada forma de sistematização do conhecimento geográfico, processo que inicia-se no final do século XVIII e que se "completa" (ou se "redefine", ou se "institucionaliza" plenamente) ao início do século XX.

Tendo-se pela frente uma problemática de tal ordem, a proximidade com as teorizações de Foucault fica evidente. Há, em primeiro lugar, uma expressiva coincidência cronológica entre a constituição da Geografia Moderna e a dos "saberes" analisados por Foucault. As **Palavras e as Coisas** passa a ser um livro revelador para os geógrafos. Toda a discussão sobre a Cartografia toca de perto a realidade por eles vivenciada. As práticas do "inquérito" da "classificação", da "narrativa", etc., são facilmente captáveis na evolução do pensamento

\* Trabalho de avaliação do curso de pós-graduação "Sociologia da Ciência", ministrado pelo Prof. Gabriel Cohn no Depto. de Ciências Sociais da FFLCH da USP, no segundo semestre de 1984, e discutido no "Colóquio Foucault" realizado no Depto. de Filosofia da FFLCH da USP em abril de 1985, e no "Seminário Foucault" realizado no Depto. de História da IFLH da UNICAMP em junho do mesmo ano. Publicado originalmente em: Italo Tronca (org.) - FOUCAULT VIVO, Editora Pontes, Campinas, 1987, pp. 127/136.

(1) A apresentação de uma breve história do pensamento geográfico, com uma avaliação de suas perspectivas atuais, pode ser encontrada em: Antonio Carlos Robert Moraes (MORAES, 1982).

(2) Tomando apenas os trabalhos recentes desenvolvidos no Depto. de Geografia da USP, pode-se lembrar o de Arlivaldo de Oliveira sobre Von Thunen, de Januário Megale sobre Max Sorre, de Mario Eufrazio sobre Christaller, e o de Antonio Carlos R. Moraes analisando Humboldt, Ritter e Ratzel.

geográfico, ao longo dos séculos XVIII e XIX. E, principalmente, o aparecimento no último quartel do século passado de uma geografia dedicada especificamente ao estudo do Homem, encontra correspondência na teorização de Foucault sobre a constituição do indivíduo como objeto, com as "ciências humanas". (FOUCAULT, 1973)

É basicamente tendo em vista tais correspondências, que o geógrafo francês Paul Claval tenta incorporar as formulações foucaultianas em seu famoso ensaio *La Pensée Géographique*. Apesar da alusão explícita a Foucault ser breve (CLAVAL, 1972, p. 65), o conceito de "epistemé" - numa incorporação controversa - está no centro da argumentação de Claval. Este, preocupado com o "emergir dos novos paradigmas" na evolução da Geografia, defende que o "método geográfico" surgiu - em sua acepção moderna - em meio à "cultura humanística" do século XVIII, possuindo assim uma "inspiração clássica". Esta o fazia disperso e enciclopédico, aflorando na Economia Política, na História Natural e alhures. No transcorrer do século XIX, a Geografia se individualiza sob a égide do "espírito cientificista", se institucionaliza e cria um "especialista". A culminância desse processo, dar-se-ia no final do século com a individualização da Geografia Humana, criada sob o impulso de inquietações levantadas pelo evolucionismo (1). Vê-se que as formulações de Foucault são, de certo modo, paradigmáticas para a interpretação de Claval.

Esta tentativa de Claval recebe uma crítica cerrada de outro comentarista da história do pensamento geográfico, o italiano Massimo Quaini. Seu livro *A Construção da Geografia Humana* é um debate com as idéias desse, entre elas a assimilação das teorias foucaultianas (2). A crítica de Quaini é incisiva:

*É legítimo reduzir (de maneira não confessada) o problema da origem de uma atitude e de uma problemática científica ao problema do nascimento de uma disciplina reconhecida como tal e, portanto, reduzir uma complexa periodização ao momento em que a disciplina se institucionaliza?" (QUAINI, 1988:34)*

Para ele, Claval é vago (ao dizer, p. ex., que a geografia nasce de uma "inquietação unificadora" ou de uma "curiosidade específica") e só adquire alguma substância "apelando ao conceito de epistemé de Foucault". Quaini, a partir de uma ótica marxista, admite que os temas próprios da geografia humana (aqueles que constituirão sua identidade ao final do século XIX) foram discutidos ao longo da história por diferenciados autores e em distintas perspectivas. Para ele seria possível estabelecer duas vias de continuidade na discussão moderna de tais temas: Uma histórica, relacionando sociedade e espaço, identificável nos utopistas clássicos, em Rousseau, nos Ideólogos e nos Socialistas Utópicos. Outra naturalizante, abordando a relação homem-meio, que aflora na Filosofia da Natureza, na História Natural, na Estalística, etc. Quaini argumenta que a Geografia Humana, ao se sistematizar sob a égide do positivismo, assume apenas a segunda via. A questão não seria, então, um embate entre a epistemé clássica e a moderna (o "novo espírito científico", de acordo com a redução eclética de Claval). Sobre o próprio conceito de "epistemé", Quaini ad-

(1) Esta interpretação está realfirmada em Paul Claval (1974)

(2) "A partir do geógrafo francês P. Claval, começou-se a citar o estruturalista M. Foucault com o propósito de fundamentar em categorias e métodos novos uma história do pensamento geográfico renovada. Para que tal convite não se esgote numa adesão a uma moda, ainda não difundida entre os geógrafos italianos, ocorre tomar consciência de todas as implicações metodológicas que tornam extremamente complexa uma história estruturalista da Geografia". (QUAINI, 1983: 16)

admite a crítica de Piaget, para o qual Foucault "confiou em suas próprias intuições e substituiu toda a metodologia sistemática pela improvisação especulativa". (QUAINI, 1983: 39)

Pode-se observar que a crítica de Quaini a Claval, a à fundamentação deste em Foucault, é por assim dizer, externa (alegórica, segundo a expressão de Bourdieu). Sem entrar em seu mérito aqui, poder-se-ia levantar um outro tipo de questionamento a Claval, na coerência interna com as teses foucaultianas. Claval concebe a história das idéias como uma busca de "convergências" entre a evolução das várias disciplinas. Como conciliar tal concepção com a metodologia de um pensador que busca "o acaso dos começos", a "lei singular" das origens, e que acredita que seu estudo restabelece "não a potência antecipadora de um sentido, mas o jogo casual das dominações" ? (FOUCAULT, 1979:19-24). Nesse sentido Claval se distingue ao definir a epistemé como "esta visão geral que caracteriza esta ou aquela época" (CLAVAL, 1972:65). Sua visão aproxima-se mais da de Bachelard ou da de Kuhn do que da de Foucault. Para este a epistemé é vista como um "dispositivo discursivo", e os dispositivos formam conjuntos heterogêneos, redes de relações, etc. Trata-se claramente de uma história de objetos singulares, de situações únicas, como bem aponta P. Veyne (VEYNE, 1983:169). Foucault não está atrás de continuidades ou mesmo identidades. Quando indagado - na entrevista a "Herodote" - do porque de seu silêncio a respeito da Geografia (quando discutiu disciplinas tão próximas como a História Natural p. ex.), ele não titubeou em responder que as suas formulações não visavam estabelecer uma teoria geral das ciências humanas, um sistema normalizador - e de contrapeso ainda lembrou que legislar para a ciência é o projeto positivista (1) (FOUCAULT, 1979:154-156)

Fechando este item cabe salientar que Quaini, na verdade, forçou um pouco a filiação de Claval a Foucault. Este autor trabalha numa perspectiva um tanto eclética, onde as influências foucaultianas convivem com um grande apreço às teses fenomenológicas e à sociologia funcionalista norte-americana. De qualquer modo, esta polêmica serve para ilustrar um dos contatos possíveis entre a obra de Foucault e os problemas vivenciados pelo movimento de renovação crítica da Geografia. Uma abordagem que aponta para uma arqueologia do saber geográfico.

A temática da relação entre espaço e poder inscreve-se no rol das mais tradicionais preocupações dos geógrafos (2). "O geógrafo escreve para os homens do poder", já dizia Estrabão. Humboldt foi conselheiro do rei da Prússia, Ritter diretor da academia militar de Berlin, Ratzel um co-formulador da política bismarckiana, Mackinder um alto estrategista do Almirante inglês, I. Brown e Martonne figuras destacadas na Conferência de Versalhes. Não sem razão, Yves Lacoste colocou em seu radical ensaio de rupturas o título de "A Geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra" (LACOSTE, 1977). Tanto as teorias tradicionais quanto as oriundas do pensamento crítico atestam que a organização espacial é um eficaz mecanismo do exercício do poder.

(1) O autor ainda completa: "Cabe a vocês, que estão diretamente ligados ao que se passa na geografia, que se defrontam com todos estes confrontos de poder em que a Geografia está envolvida, cabe a vocês enfrentá-los, forjar os instrumentos para este combate", p. 165.

(2) Ver a este respeito: Jean Gottman (1952).

A proximidade com as formulações de Foucault é por demais evidente. Este autor é claro ao enfatizar tal tema:

*"Seria preciso fazer uma história dos espaços - que seria ao mesmo tempo uma história dos poderes - que estudasse desde grandes estratégias da geopolítica até as pequenas táticas do habitat"* (FOUCAULT, 1979:212)(1)

Poder-se-ia mesmo dizer que Foucault é um dos pensadores atuais que mais se preocupa com a questão da espacialidade do poder. Ela está no centro, por exemplo, da interpretação das práticas disciplinares:

*"A disciplina é, antes de tudo, a análise do espaço. É a individualização pelo espaço: a inserção dos corpos em um espaço individualizado, classificatório, combinatório"* (FOUCAULT, 1979:106)(2)

As disposições espaciais, as repartições ("a arte da distribuição espacial das vigilâncias hierarquizadas"), as especializações (criação de "espaços especializados"), enfim, toda a gama de problemas que envolve a dimensão espacial do exercício do poder, é considerada na análise foucaultiana. Aparentemente, os geógrafos ainda estão alheios à riqueza dessas considerações.

É novamente Paul Claval quem, no âmbito da Geografia, introduz essa discussão, em seu livro **Espaço e Poder** (3). Ali ele avalia as formulações desenvolvidas no **Vigiar e Punir** chegando a uma interessante conclusão:

*"O exercício do poder puro supõe, portanto, uma organização particular do espaço: só é possível no limite de círculos onde todas as partes são igualmente acessíveis àquele que inspeciona e onde as aberturas estão guardadas de tal modo que os movimentos de entrada e saída são controlados e, se necessário, interditos. A divisão do espaço em área de observação e vigilância deve processar-se até sua delimitação em circunstâncias suficientemente pequenas para serem transparentes. Elas são muito exíguas quando o senhor quer governar tudo. Isso só é possível no universo carcerário"* (CLAVAL, 1979:23)

Deixando de lado a possível polêmica à respeito da viabilidade da idéia de "poder puro" no universo teórico foucaultiano, não há dúvida que Claval levanta um problema pertinente: o da abrangência real da análise espacial de Foucault, e, decorrente deste, o da escala de tal análise. Num texto posterior, Claval reforça sua avaliação ao defender que o dispositivo paranóptico se restringe a "compartimentos fechados" (CLAVAL, 1982:11). Infelizmente, estas colocações não encontraram, até agora, continuadores na Geografia. Cabe, então, buscar nas próprias obras de Foucault, elementos para avançar este debate.

Não há dúvida que a ótica privilegiada por Foucault é a dos micro-espaços. Interessa-lhe, fundamentalmente, o lugar: "forma de distribuição e mecanismo de relações de poder" (FOUCAULT, 1979:126). São conhecidas suas minuciosas análises sobre a organização espacial dos hospitais, dos asilos, das escolas, dos quartéis e das fábricas, como modo de captar dispositivos disciplinares que lhes dão conteúdo. Em suas palavras:

(1) Foucault diz que seria necessário estudar a fixação espacial como forma econômica e política.

(2) "A disciplina procede e, primeiro lugar a distribuição dos indivíduos no espaço" e **VIGIAR E PUNIR. HISTÓRIA DA VIOLENCIA NAS PRISÕES**. Vozes, Rio de Janeiro, p. 130, 1977.

(3) Michel Foucault fez avançar, recentemente, as idéias nesse domínio (da comunicação política e dos fatos do poder). Focalizando as técnicas de controle e vigilância, fazendo-se historiador minucioso do grande encarceramento da época clássica e, depois, dos procedimentos penitenciários, aprendeu a explorar os meios aparentes insignificantes pelos quais o organismo social exerce pressão moral sobre os seus membros, exercendo em relação a eles uma inquisição mais ou menos permanente. Assim, o poder que ele analisa não é simplesmente negativo: é repressão, certamente, mas também inovação, instituição de nova ordem (CLAVAL, 1979:9)

*"As disciplinas, organizando as celas, os lugares, as fileiras, criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. (...) São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares, indicam valores (...). São espaços mistos: reais pois regem a disposição dos edifícios, de salas, de móveis, mas ideais, pois projetam-se sobre essa organização características, estimativas, hierarquias." Em outra passagem esta idéia aparece de forma ainda mais explícita: "O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quanto corpos ou elementos há a reparir. (...) A disciplina organiza um espaço analítico. (...) o espaço das disciplinas é sempre no fundo celular" (FOUCAULT, 1977:135 E 131).*

A "disciplinarização do espaço hospitalar", por exemplo, obedece a seguinte norma: "Se individualizará e distribuirá os doentes em um espaço onde possam ser vigiados e onde seja registrado o que acontece"; já na fábrica o "quadriculamento" se complica pelas exigências da própria produção, gerando um arranjo que articula a "distribuição dos corpos à arrumação espacial do aparelho de produção e às diversas formas de atividade na distribuição dos postos"; nas escolas a "organização de um espaço social (com classes e as filas) foi uma das grandes modificações das técnicas de ensino", pois permitia o trabalho simultâneo e a avaliação - as filas deveriam "traduzir materialmente no espaço da classe ou do colégio essa repartição de valores ou de méritos. Movimento perpétuo onde os indivíduos substituem uns aos outros, num espaço escondido por intervalos alinhados" (FOUCAULT, 1979:108 e 1977:132 e 134)(1).

Esse privilegiamento dos micro-espaços é inevitável num autor que quer "captar o poder em suas extremidades", e sua "ação sobre os corpos". Isso não equivale, contudo, a uma desconsideração absoluta das demais escalas espaciais. Quanto ao dispositivo paranóptico, por exemplo, Foucault tem claro os limites de sua utilização:

*"É um tipo de implantação dos corpos no espaço, de distribuição dos indivíduos em relação mútua, de organização hierárquica, de disposição dos centros e dos canais de poder, de definição de seus instrumentos e de modos de intervenção, que se podem utilizar nos hospitais, nas oficinas, nas escolas, nas prisões. Cada vez que se tratar de uma multiplicidade de indivíduos a que se deve impor uma tarefa ou um comportamento, o esquema paranóptico poderá ser utilizado" (FOUCAULT, 1977:181)(2)*

Dessa forma não se trata de um modelo de ordenação espacial pluri-escalar, mas da organização de um "espaço de vigilância" (individual) que tem a arquitetura como instrumento.

Os mecanismos da disciplina e da vigilância são, entretanto, mais variados abrangendo situações e escalas diferenciadas. Foucault discute como o conceito de população - "objeto teórico da vigilância" - aparece com a necessidade de organizar o espaço urbano, sendo acompanhado das noções de "salubridade" e de "meio" (este um conceito caro à Geografia). Essa necessidade originava-se de imposições da própria gestão do poder, pois a grande cidade francesa no final do século XVIII deve ser vista "não como uma unidade territorial, mas como multiplicidades emaranhadas de territórios heterogêneos e poderes rivais. Paris, por exemplo, não formava uma unidade territorial, uma região

(1) Diz ainda Foucault: "Na disciplina os elementos são intercambiáveis. pois cada um se define pelo lugar que ocupa na série, e pela distância que o separa dos outros. A unidade portanto não é nem o território (unidade de dominação) nem o local (unidade de residência) mas a posição numa classificação (...). A disciplina, arte de dispor em fila, e da técnica para transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações". Ibidem, p. 133.

(2) E também: "o dispositivo paranóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente".

em que se exercia um único poder" (FOUCAULT, 1977:85). O "urbanismo sistemático" surgiria, assim, no quadro de uma "higienização do habitat". Vê-se que a escala do urbano é contemplada nas formulações foucaultianas. Basta pensar em suas considerações sobre a gênese da medicina urbana ("análise das regiões de amontoamento, de confusão e de perigo no espaço urbano"), sobre a quarentena ("que esquadrinhava o espaço urbano"), sobre os mecanismos de exclusão (o leproso, p. ex., "expulso do espaço comum"), de especialização interna dos lugares (o hospital, p. ex., "inscrevendo-se no espaço social"), etc.

O conceito de território (perincipalmente à Geo-Política) também aparece na análise de Foucault. Ele argumenta que os tratados da "arte de governar" aparecem com o surgimento dos "grandes estados territoriais", que reforçam a "territorialidade feudal" (1). Diz ele:

*"A constituição de um saber de governo é absolutamente indissociável da constituição de um saber sobre todos os problemas referentes à população". Esta se torna o objeto da Demografia, da Estatística ("ciência do estado") e da Economia Política, que busca estabelecer a rede de relações entre a população e o território. Enfim, conclui Foucault, "pode-se dizer que o território é o elemento fundamental tanto do principado de Machiavel quanto da soberania jurídica do soberano, tal como a definem os teóricos do direito. O território pode ser fértil ou estéril, a população densa ou escassa, seus habitantes ricos ou pobres, ativos ou preguiçosos, etc., mas estes elementos são apenas variáveis com relação ao território que é o próprio fundamento do principado e da soberania" (FOUCAULT, 1979:282)*

Posto isto, ele alerta para a importância de uma história da governabilidade, que abordaria instituições, procedimentos, cálculos, e táticas de exercer o poder. Aqui, sem dúvida, aparece uma rica indicação para os estudos geográficos.

Observa-se que Foucault releva a espacialidade do poder em múltiplas escalas. A organização espacial e as formas criadas objetivam relações: "No espaço que domina, o poder disciplinador manifesta, para o essencial, seu poder organizando os objetos". Os dispositivos disciplinares são, em grande número, espacializantes: "A disciplina fixa; ela imobiliza ou regulamenta os movimentos; resolve as confusões, as aglomerações compactas sobre as circulações incertas, as repartições calculadas" (FOUCAULT, 1977:167 e 197) (2). Porém, Foucault ao verticalizar suas análises sempre o faz no universo dos micro-espacos. Mesmo dizendo que os militares foram "os primeiros administradores do espaço coletivo", que a burguesia conseguiu "construir máquinas de poder que instauram circuitos de lucro", e que o poder se exerce "sobre territórios e habitantes", ao aprofundar as investigações Foucault sempre envereda por uma escala do micro-espaco. Seria isso uma imposição da genealogia - cujo campo é a "memória dos combates" - ao constatar que o "saber dominado" é sempre local e diferencial? Ou seria a negação em tomar o estado como objeto que impede a elaboração de uma macro-física do poder? De qualquer modo, parece que Foucault não realiza seu intento de ver como os mecanismos menores ligam-se aos sistemas globais, pelo menos não no que tange à dimensão espacial.

(1) Ver artigo "A governabilidade in Microfísica do Poder, op. cit.

(2) "A nova física do poder privilegia as relações espaciais" p. 183 e também a de que a dominação "estabelece marcas, grava lembranças nas coisas (Foucault, 1977:25)

A tese de apreender a relação entre espaço e poder sob a ótica dos dispositivos disciplinares e o destaque para o estudo de uma história da governabilidade, abrem uma fértil perspectiva de indagações para os geógrafos. Foucault levanta a possibilidade de uma genealogia do espaço (ou da organização do espaço), que talvez permita avançar na compreensão da espacialidade do poder. Eis um segundo ponto de contato.

Observou-se duas possibilidades de absorver as formulações foucaultianas no debate atual da geografia, ou posto de outra forma, de apreender o conteúdo geográfico do pensamento de M. Foucault: uma arqueologia do saber geográfico e uma prática interessando a apropriação humana da superfície terrestre. Captar a vinculação entre as práticas e os saberes parece ser o intento maior da empresa teórica de Foucault (2). O desafio é inquietador para o geógrafo: articular numa mesma argumentação o "pensar o espaço" e o "produzir o espaço", entendendo que "o poder se inscreve nos solos e nos discursos".

(1) É inclusive no acirramento desse intuito que parece residir o móvel da crítica de J. A. Gianotti às formulações de Foucault, de que este acaba por trabalhar um "objeto de discurso". (Gianotti, 1979).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLAVAL, PAUL E MARDY, JEAN PIERRE (1968) - *Pour le cinquantenaire de la mort de Paul Vidal de la Blache*. Paris, Les Belles Lettres.

CLAVAL, PAUL (1972) *La pensée géographique, introduction a son histoire*. Paris, SEDES.

FOUCAULT, M (1973) - *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciencias humanas*. Rio de Janeiro, Martins Fontes.

GIANOTTI, J. A. (1979) *História sem Sujeito*. Rio de Janeiro, *Encontros com a Civilização Brasileira* nº 16

GOTTMANN, JEAN (1952) *La Politique des États et leur Géographie*. Paris, Armand Colin.

LACOSTE, YVES (1977) - *A Geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra* - Lisboa, Iniciativas.

MORAES, CARLOS ROBERT (1982) - *Geografia - pequena história crítica*. São Paulo, Hucitec.

QUAINI, MASSIMO *A Construção da Geografia Humana*. Paz e Terra, Rio de Janeiro. (1983)

VEYNE, P. (1982) - *Foucault revoluciona a história*. Brasília, *Cadernos da UNB* pp. 169 e seguintes.